

CINEMA PARADISO

Boletim n. 366

São Paulo, 27 de agosto de 2014.



Próxima Reunião: 31/08/2014 - domingo às 16 h

AMANTES ETERNOS

(*Only Lovers Left Alive*)

Direção de Jim Jarmusch (*)

(*) Nasceu em Ohio, EUA, em 22/01/1953. É um cineasta com a marca do cinema independente dos EUA. Sua primeira grande produção foi *Estranhos no Paraíso* (1984). Realizou depois *Daunbailó* (1986) e no mesmo ano realizou alguns curtas que, aos poucos, foram juntados e se tornaram o longa *Sobre Café e Cigarros* (1986, 1989, 1993 e, finalmente, 2003). Outros filmes: *Trem Mistério* (1989), *Uma Noite sobre a Terra* (1991), *Homem Morto* (1995), *Ghost Dog* (1999), *Flores Partidas* (2005), *Os Limites do Controle* (2009) e *Amantes Eternos* (2013).

O HOMEM DAS MULTIDÕES E A CIDADE DE FOCO

O homem das multidões, de Cao Guimarães e Marcelo Gomes, é inspirado vaga e longinquamente no conto homônimo de Edgar Allan Poe (1809-49) sobre o sujeito que parecia só ganhar existência no meio da massa anônima da metrópole.

Das poucas páginas do conto aos 95 minutos do filme há mudanças, acréscimos e inversões que talvez valha a pena examinar para entender os propósitos dos dois cineastas e algumas diferenças entre literatura e cinema.

Em primeiro lugar, a localização espaço-temporal indistinta da narrativa literária ganha na tela nitidez e precisão: estamos em Belo Horizonte nos dias de hoje. Também o protagonista, de quem nada sabemos ao ler o conto, recebe aqui um perfil definido: encarnado pelo ator Paulo André, do grupo Galpão, ele é um condutor de trens do metrô belo-horizontino. Está na faixa dos 40 e mora sozinho numa sala comercial improvisada em apartamento.

O acréscimo mais relevante, em termos de personagens, é o de uma colega de trabalho do protagonista (Sílvia Lourenço), supervisora com quem ele almoça às vezes e que mora com o pai idoso (Jean-Claude Bernardet).

Imagem vertical

Mas chega de falar do enredo. O importante é o modo como os dois experientes e talentosos diretores encenam a solidão do personagem-título, sua relação com a cidade e o mundo. Antes de mais nada, uma decisão formal que salta aos olhos, criando um certo incômodo: o formato do quadro não é horizontal, como na quase totalidade dos filmes, mas sim vertical. O estranhamento é tamanho que alguns projeccionistas chegaram a suspeitar de um defeito técnico.

Essa verticalização da imagem tem, por um lado, o efeito de comprimir opressivamente o espaço por onde trafegam os indivíduos, e isso é reforçado pela presença constante de trilhos de metrô, escadas rolantes, ruas estreitas, corredores de camelódromos. Por outro lado, serve para sublinhar a dificuldade do protagonista em estabelecer relações humanas horizontais, em estender-se para o outro.

Quando o condutor de trens está entre outras pessoas, estas geralmente estão fora de foco, como uma massa indefinida e sem rosto. Quando ele, dirigindo o trem, passa por elas nas plataformas, elas se tornam borrões coloridos, em belas imagens que remetem ao expressionismo abstrato.

O desconforto do vazio

A opção pelo quadro vertical reforça o desconforto do encontro entre o protagonista e sua colega supervisora no despojado e desleixado apartamento dele. Ali, tudo é horizontal: o alongado cômodo quase deserto que serve de quarto, sala e cozinha; o sofá; a varanda externa; a vidraça que dá para a cidade. Um espaço que, seccionado em enquadramentos verticais, ainda que não haja cortes e o movimento da câmera seja contínuo, acentua a distância entre os personagens, realça o vazio.

Hoje em dia se diria que o protagonista é uma espécie de autista. Mas não é bem assim. Ele não está alheio ao mundo. Almoça ocasionalmente com a colega, serve até de padrinho em seu casamento, faz ginástica na varanda do apartamento, transa com uma prostituta.

Entra aqui uma mudança crucial com relação ao conto de Poe: no texto, o personagem procura a multidão com avidez, quase com sofreguidão, como um viciado busca sua droga. No filme, ao contrário, ele parece agir por inércia, com uma serenidade passiva. Talvez se trate de uma diferença entre duas épocas. Hoje não há mais lugar para o fascínio e a excitação que o burburinho da metrópole podia ocasionar no tempo de Poe. Deixamo-nos levar pela massa anônima, nada mais.

No filme, a multidão alimenta o protagonista, mas ele é capaz de sobreviver sem ela. Às vezes basta a aproximação com um único ser, como na cena em que, no ônibus quase vazio, ele vai se sentar justamente ao lado do único passageiro. Um momento de belo e discreto absurdo, um lirismo áspero que dá o tom desse filme estranho, único, fascinante, cujo parente mais próximo, no cinema brasileiro, talvez seja *Transeunte* (2010), de Eryk Rocha.



Zé Geraldo Couto (texto cedido gentilmente pelo autor, publicado no blog do Instituto Moreira Salles, cujo endereço eletrônico é: <http://www.blogdoims.com.br/ims/o-homem-das-multidoes-e-a-cidade-fora-de-foco> .

Segundo a cosmologia e a física atual, o nosso universo é constituído em sua maioria de um elemento com o qual não podemos interagir diretamente, mas que interage diretamente conosco: a matéria escura. Já o universo cinematográfico andersoniano é constituído de uma matéria que não só interage conosco, mas nos mostra que existe a possibilidade do Novo, Belo e Simples. O nome desta substância é “matéria cinemática colorida andersoniana”.

Wesley Wales Anderson, (Houston, Texas, 1 de maio de 1969) é um cineasta Americano que tem uma filmografia singela, mas substancial e importante para o cinema de hoje e, com certeza, para mais além.

O presente material surge após uma imersão na obra de Wes Anderson (sim, vi todos os filmes, longas e curtas do diretor) que ganhou uma proporção que não caberia em um só momento, por isso teremos dois textos sobre a composição do Universo Andersoniano, onde regras como Entropia, Gravidade dentre outras não exercem ou funcionam como no nosso.

Com dez produções (dois curtas e oito longas), Anderson se firma como o criador de um estilo, mas que pode ser comparado a outros cineastas em algumas nuances.

Não vou seguir ordem cronológica de produção, até porque, como já disse, as regras são diferentes nesse universo. O primeiro será **Grande Hotel Budapeste** (*The Grand Budapest Hotel*, 2014), o ápice da singularidade Andersoniana, que é a junção de tudo que o diretor fez até agora. As suas marcas registradas estão por todos os lados e em todos os momentos do filme, seja na trilha ou na fotografia, parecendo que o diretor espalhou-se por toda equipe, fazendo com que cada um dos envolvidos se tornasse um Wes Anderson em potencial.

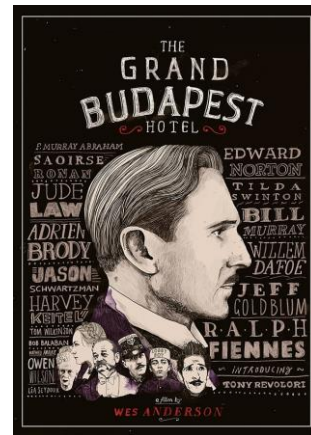
No estilo de narrativa do final para o início, que se torna final, tem movimentação exata de câmeras e a utilização de uma paleta de cores, que são preciosismos típicos de Anderson. Parte pode se assemelhar ao trabalho de Roy Andersson (diretor sueco sobre o qual falaremos no futuro) que em seu filme **Vocês, os Vivos** (*Du Levande*, 2007) consegue algo semelhante. Wes Anderson tem maneiras de dar ênfase a seus personagens, sem grandes arroubos ou expressões. Cada movimento é calculado, com iluminação, característica e pormenores que faz com que cada um se iguale em importância ao ambiente que os cerca, um jogo de espelhos complexos, onde cada coisa reflete outras, sejam pessoas ou objetos.

Com roteiro fabuloso, locações e fotografia que só se encontra no Cinema de Anderson, **Grande Hotel Budapeste** é o baú com todos os brinquedos prediletos do diretor. E estes "brinquedos" não se restringem aos personagens, mas à beleza, à mágica e aos detalhes que beiram algo que não pode ser superado.

la enveredar pela relação desta obra com o trabalho literário de Stefan Zweig, mas já temos material de qualidade especificamente sobre isso na Internet, sugiro que deem uma pesquisada. Mais à frente farei sobre outros trabalhos de Anderson: **Viagem a Darjeeling** e **Hotel Chevalier**, que constituem um só filme.

Esta pausa é para falar sobre os “bonecos” do diretor. Ele praticamente trabalha com os mesmo atores e atrizes em todas as

suas produções, seja curtas ou longas. Um deles é Bill Murray, que está em todos os filmes. Quem também ‘bate o cartão’ nas produções do cineasta é o ator Jason Schwartzman. Além destes, temos Adrian Brody, Edward Norton, Willem Dafoe, Jeff Goldblum, Tilda Swinton e Owen Wilson, que é seu amigo desde a faculdade. Podemos dizer que ele conheceu as pessoas certas nos lugares e momentos certos. Dentre os seus fãs, temos figuras importantes tais como: Martin Scorsese, James L. Brooks e Roman Coppola, com quem escreveu o roteiro de **Viagem a Darjeeling**. Como diz uma amiga: “quem cultiva amigos, colhe estrelas”.



Com o curta **Hotel Chevalier**, Anderson abusa da estética, muito! O projeto serve de prólogo para **Viagem a Darjeeling**. O curta é importante de ser visto antes do longa, pois contextualiza muitos detalhes da trama. Lembro que vi o longa no cinema, e aqui no Brasil eles fizeram questão de exibir o curta antes, pois era desconhecido do público brasileiro.

Hotel Chavalier se passa em um quarto deste hotel, e tem no elenco Jason Schwartzman, Natalie Portman, Michel Castejon e Waris Ahluwalia. Atenção especial para Portman, que compõe o cenário com uma maestria que só Anderson poderia conseguir, pois o quarto luxuoso é reflexo da bela mulher que esta lânguida na cama. Alguns dizem que é o trabalho mais sensual do diretor.

A matéria cinemática colorida andersoniana constrói coisas inimagináveis, detalhes que se assemelham a fractais, onde cada parte do todo contém a totalidade. Mesmo o escuro na obra de Wes Anderson é uma cor a ser contemplada.

Agora chegamos ao mais filosófico, afetivo e polarizado filme deste diretor. **Viagem a Darjeeling** (*The Darjeeling Limited*, 2007) é o salto qualitativo e significativo que o diretor dá em sua obra, em parceria com Roman Coppola e Jason Schwartzman. O filme é uma homenagem à Índia, e mostra a terra que tanto fascina o ocidente por sua filosofia, religiosidade e transformação. O nome do filme (em inglês) se refere ao trem no qual três irmãos embarcam para reencontrar a mãe que depois de uma crise existencial decidiu virar freira e trabalhar como humanitária no interior da Índia. Durante a viagem somos levados ao particular de cada um. Dores, alegrias, tragédias, etc. Tudo junto e misturado em um caleidoscópio de cores, formas e sons.

Vou fazer uma pausa agora, pois, como disse antes, não cabe tudo aqui. Seriam necessários uns três jornais para tal. Mas, vamos que vamos, o meu intuito é mostrar a riqueza de um cinema moderno, de um trabalho estético incrível. Para quem estuda, gosta e até ama a sétima arte, Wes Anderson é uma enciclopédia técnica. O termo “Andersoniano” que emprego aqui é sinônimo de um trabalho de qualidade e detalhe, de uma ode ao esteticismo emocional.

No texto II, falaremos sobre: **Moonrise Kingdon**, **A Vida Marinha com Steve Zissou** e outros.

Robledo Lira

COTAÇÃO 2014

O Menino e o Mundo	9,50
O Melhor Lance	9,38
Ela.....	9,13
A Grande Beleza	8,93
Getúlio	8,70
O Mercado de Notícias	8,63
12 Anos de Escravidão	8,60
Pais e Filhos	8,52
Hoje eu quero voltar sozinho	8,47
Instinto Materno	8,44

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é: Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: claudiamogadouro@gmail.com